

La Comédiathèque

Um casamento em cada dois

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Um casamento em cada dois

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Diz-se que um em cada dois casamentos acaba em divórcio... Naquela noite, Luís tem que contar aos seus sogros, que o idealizam, que está a divorciar-se da sua filha, a quem enganou. É nesse momento que os pais de Carmen anunciam ao casal a doação da sua mansão num bairro elegante de Lisboa para criar os seus futuros filhos. Como reacender a chama sem parecer simplesmente interessado em propriedades imobiliárias?

Personagens

Roberto
Maria
Luís
Carmen

© La Comédiathèque

ATO 1

Uma sala burguesa. A mesa está posta para quatro pessoas. Num canto, uma árvore de Natal com guirlandas. Roberto, com cerca de sessenta anos, e Maria, com cerca de cinquenta anos, estão sentados em extremos opostos do sofá. Ficam em silêncio por um momento. Um antigo relógio cuco os desperta de seu torpor ao bater oito horas em ponto.

Roberto – A que horas disseram que chegariam?

Maria – Às oito e meia. Mas já sabes como é. Com o trânsito...

Roberto – A estas horas, levará pelo menos uma hora...

Maria – Que ideia tiveram em ir viver para um bairro periférico!

Roberto – É mais barato do que no centro.

Maria – Mas é muito menos confortável...

Roberto – E além disso, Luís não deve terminar cedo... Está fazendo uma substituição numa clínica dentária... Nestes bairros populares, não é como aqui, as pessoas vão arranjar os dentes depois do trabalho...

Maria – Quando têm dinheiro para arranjar os dentes... Fui vê-los uma vez de metro. É aterrador... As pessoas têm os dentes num estado lamentável por lá...

Roberto – Apanhaste o metro?

Maria – Sim... Mas garanto-te que não o farei novamente...

Roberto – Também fiz uma substituição lá quando era jovem, logo após me formar.

Maria – Antes de instalares o teu primeiro consultório dentário na Avenida da Liberdade.

Roberto – Bairros operários, para um dentista, não é um bom negócio. Uns empastes de vez em quando, uma pequena limpeza dental uma vez por ano para as festas, e é isso.

Maria – Luís é muito corajoso.

Roberto – Sim.

Maria – Nossa filha tem sorte de se ter casado com ele.

Roberto – Sim...

Um momento de silêncio.

Maria – O advogado deu-te todos os papéis?

Roberto – Sim, sim, estão ali, na secretária... Só falta assiná-los...

Maria – Muito bem. (*Silêncio*) Reparaste? Esta é a última Natal em que receberemos a nossa filha aqui com o marido... Quero dizer, ambos juntos, na nossa casa...

Roberto – Tens a certeza de que é isso que queres? Ainda há tempo para mudar de ideias. Depois, quando lhes anunciarmos a Luís e Carmen... Não poderemos voltar atrás...

Maria – É por isso mesmo que devemos dizê-lo esta noite. Caso contrário, nunca o faremos. (*Silêncio*) Eles vão ficar chocados...

Roberto – Podíamos esperar um pouco. Não há pressa...

Maria – Já falámos disto cem vezes. Para que serve adiar mais um mês ou dois...?

Roberto – Tens razão. É preciso saber virar a página.

Maria – Em breve começa um novo ano. Ainda somos jovens. Podemos reerguer as nossas vidas...

Roberto – Sou menos jovem do que tu...

Maria – Vá lá... Sei que ainda consegues agradar às mulheres...

Roberto – Mesmo assim, teremos vivido trinta anos juntos nesta casa. Não é algo insignificante...

Maria – Nos últimos anos, não parávamos de brigar por qualquer coisa... Já não era possível, Roberto, tu sabes bem. É melhor parar antes que nos tornemos verdadeiros inimigos um para o outro... Não é o que queres...

Roberto – Não, claro que não...

Maria – Bom, talvez seja um pouco difícil no início. Para ti e para mim. Mas depois, a vida retomará o seu curso... Inventaremos novos hábitos, cada um por seu lado. Com outras pessoas...

Roberto – Sim, claro...

Maria – Garanto-te que é o melhor para todos. E além disso, disse-te: ao dividir o nosso património ao meio, pagaremos menos impostos.

Roberto – Tens razão. Mas mesmo assim... Eles vão ficar chocados...

Maria – Já são mais velhos, não são? E além disso, agora que está casada...

Roberto – Sim.

Maria – Vamos, tenho que cuidar da cozinha... (*Levanta-se.*) Não te esqueceste de comprar o pão, pois não?

Roberto – Merda, o pão... Vês, já estou a começar a perder a cabeça...

Maria – Bem, então terás que ir agora mesmo...

Roberto – Sim, sim, vou.

Maria – Anda lá, vão fechar... E sabes que a esta hora, muitas vezes só têm pão de forma...

Roberto (*levantando-se*) – Ou pior: pão de nozes.

Maria – É bom com queijo.

Roberto – Detesto pão de nozes.

Maria – Vês, Roberto? Este é o problema da vida a dois! Não gostas de pão de nozes, então não me é permitido comer!

Roberto – O pão engorda. Assim como o pão de nozes...

Maria – Achas que estou demasiado gorda, é isso?

Roberto – Não vamos começar a brigar. Não agora...

Maria – Não.

Roberto – Tens razão, acho que tomámos a decisão certa...

Roberto sai em direção à entrada. Maria suspira e desaparece na cozinha. Luís, perto dos trinta anos, com estilo elegante e desportivo, e Carmen, um pouco mais jovem, grávida até aos dentes, entram. Luís traz um ramo de flores e pacotes de presentes.

Luís – Tudo correu bem afinal... Demorámos apenas vinte minutos...

Carmen – Há alguém aí?

Luís coloca os presentes ao pé da árvore de Natal.

Luís – O quê que compraste afinal para a tua mãe? Que pareça que estou um pouco a par...

Carmen – Vais ver, é uma surpresa... (*Aumentando o tom de voz*) Oh, oh! Estamos aqui!

Luís – A casa é tão grande... Da cozinha não se ouve a campainha. Ainda bem que tenho as chaves.

Carmen – Sim... Aliás, não percebi muito bem por que é que a minha mãe te confiou as chaves de casa. Afinal de contas, eu sou a filha da família...

Luís – Venho cá mais vezes... Sou eu que trato da contabilidade do teu pai...

Carmen – Sim, mas precisamente, isso também não percebi muito bem. Não sou eu a contabilista? (*Uma pausa*) E além disso, até agora, a minha mãe é que se ocupava da contabilidade do meu pai!

Luís – Apenas dou uma ajuda com a informática. À idade dela, já não se vai meter com isso...

Carmen – Por que é que eu não poderia ajudar o meu pai com a informática?

Luís – Ao que parece, ele prefere tratar com um colega... E diz que tu complicas tudo... Não é totalmente falso, certo?

Carmen – Há uma mensagem subliminar?

Luís – De maneira nenhuma...

Carmen – Porque não aceito que o meu marido seja chupado pela assistente entre duas obturações, estou a complicar tudo?

Luís – Se pudéssemos evitar a vulgaridade...

Carmen – Preferes a palavra felação?

Luís – De qualquer forma, sim... Embora tecnicamente...

Carmen – Tecnicamente?

Luís – Não tenho a certeza de que se possa realmente chamar a isso enganar a sua esposa.

Carmen – Claro... Fala disso ao Bill Clinton...

Luís – A esposa dele não se divorciou dele...

Carmen – Mas tu não és o Presidente dos Estados Unidos... Não tens o poder nuclear... Entretanto, lembra-te que tens de falar com os meus pais.

Luís – Tens a certeza de que realmente queres divorciar-te?

Carmen – Pensei que ias acrescentar "por tão pouco"...

Luís – Podíamos esperar uma semana ou duas antes de lhes dizer. Para deixar passar as festas. Vai cair-lhes como um soco...

Carmen – E achas que não me afetou a mim entrar no teu consultório e ver-te deitado na cadeira com essa... mulher a chupar-te...

Luís – Sei, foi um grave erro de julgamento da minha parte...

Carmen – Pelo menos agora sei onde escondias a tua capacidade de julgamento...

Luís – E já me desculpei por isso, mas enfim... podíamos continuar a refletir um pouco mais...

Carmen – Já refleti o suficiente.

Luís – Pensa no bebé...

Carmen – E tu pensaste nele?

Luís – Por que é que tenho de ser eu a anunciar-lhes isso? Tu é que queres divorciar-te, não eu. E além disso, são teus pais, afinal!

Carmen – Porquê? Porque se o disser eu, não vão acreditar em mim, sabes? E além disso, seria demasiado fácil, não é verdade? Têm-te num pedestal! És o genro ideal! Não, quero ouvir-te dizer isso na frente deles: "Sou um miserável, enganei a vossa filha...".

Luís – Bem... Tecnicamente...

Carmen – Ok, então se preferes: "Sou um miserável, deixei que a minha assistente me fizesse sexo oral...". Parece-te bem essa expressão? É um pouco antiquada, mas enfim... "Felação", não tenho a certeza se eles vão entender.

Luís – Vai chocá-los...

Carmen – Sim, um choque saudável... Uma descarga elétrica! Quero ver-te cair desse pedestal onde te colocaram injustamente, enquanto a mim sempre me consideraram uma tola. (*Aumentando o tom de voz ao ver o ramo de flores que Luís ainda tem nas mãos*) E já te disse que não queria o ramo!

Luís – Mas é Natal, afinal...

Carmen (*gritando*) – Mãe!

Luís – Não grites tão alto... Porque estás zangada...? Ela vai vir eventualmente... Mas a casa é tão grande...

Carmen – E pensar que nós vivemos num apartamento pequeno nos subúrbios.

Luís – Sem esquecer que em breve seremos três...

Carmen – Não estás a planear ficar a viver connosco depois do divórcio, pois não?

Luís – Não, claro que não...

Maria volta da cozinha com um jarro.

Maria – Ah, já estão aqui! Não vos ouvi chegar...

Luís – Olá querida sogra!

Enquanto Maria coloca o jarro numa mesinha, Carmen, furiosa, fala baixinho com Luís.

Carmen – E se pudesses parar de chamá-la "querida sogra", tendo em conta o que tens de lhe dizer esta noite...

Maria vê o ramo de flores que Luís lhe estende.

Maria – Ah, meu querido Luís, que sorte tenho de ter um genro assim... Sempre tão atencioso... Meu marido não me daria flores... Nem a minha filha... Aposto que, como sempre, tu também escolheste o meu presente de Natal... Não é verdade?

Luís – Bem, é que...

Carmen – Já sabes que tenho um marido perfeito.

Maria – E eu um genro ideal! Não é assim, meu querido Luís?

Maria abraça calorosamente o seu genro, enquanto Carmen a olha com exasperação.

Luís – Devias pô-las em água imediatamente...

Maria – Tens razão. Além disso, conheço-te tão bem, vês. Já tinha trazido o jarro...

Maria pega nas flores e prepara-se para colocá-las no jarro.

Carmen – E a mim não me dás um beijo?

Maria – Sim, sim, claro...

Maria beija a sua filha muito menos efusivamente do que ao seu genro, depois coloca as flores na água e afasta-se um pouco para as admirar.

Maria – São realmente magníficas. (*Vira-se para a sua filha.*) Tu, por outro lado, tens má aparência, minha filha...

Carmen – Obrigada...

Maria – O que se há de fazer... Há mulheres a quem a gravidez lhes fica bem, e depois outras... Embora, verdade seja dita, eu também passava pelo mesmo... Quando estava grávida de ti, tinha um aspeto terrível... e não parava de vomitar.

Carmen – Sim, eu sei... Nunca perdes uma oportunidade de me relembrar...

Maria – Já tens os resultados da tua ecografia? O bebé está bem?

Carmen – Sim, sim... Tudo está bem com o bebé, não te preocupes...

Maria – E ainda não queres saber se é menina ou menino? Que ideia mais estranha...

Luís – Preferimos surpreender-te.

Carmen – Sim... Além disso, Luís tem outra surpresa para ti... Não é verdade, Luís?

Maria – Ah, sim?

Luís, desconfortável, é salvo pela chegada de Roberto com uma baguette debaixo do braço e uma garrafa de champanhe na mão.

Roberto – Também trouxe uma garrafa de champanhe de passagem... Para bebermos com o tronco de Natal. Além disso, temos que celebrar isto, não é verdade...?

Luís – Isto?

Carmen – Celebrar o quê?

Roberto (*a Maria*) – Ainda não lhe disseste?

Maria – Estava à tua espera, afinal de contas...

Expressões perplexas de Luís e Carmen.

Roberto – Mas que cara estão a fazer? Algum problema com o bebé?

Luís – Não, não se preocupem, não é nada grave.

Carmen – Bem, sim, é alguma coisa...

Maria – Sabemos bem que está a ser um pouco difícil para vocês neste momento...

Carmen – Ah sim?

Maria – Os dois neste pequeno apartamento nos subúrbios...

Carmen – Claro...

Maria – Enfim... Viver uns em cima dos outros, assim, supomos que não deve favorecer a harmonia do casal...

Roberto (*brincando*) – Ah, isso... Em cima uns dos outros... Depende, não?

Maria – E quanto a formar uma família...

Roberto – Dizem que nas grandes cidades, metade dos casamentos acaba em divórcio...

Carmen – Sim, aliás, Luís tinha algo para vos dizer sobre isso...

Roberto – Ah, sim?

Maria – Bem, nós também temos uma grande notícia para vos dar.

Luís – Ah, sim?

Carmen – Primeiro nós, se nos permitirem.

Luís – Mas não, vamos...

Maria – Luís tem razão. Será melhor que ouçam primeiro o que o vosso pai e eu temos para vos dizer. Algo me diz que isso pode resolver todos os vossos problemas.

Carmen – Sério?

Roberto – De qualquer forma, provavelmente vos deixará mais à vontade para nos falar sobre o assunto que vos preocupa.

Carmen – Não me digam que vocês também vão se divorciar?

Maria – Divorciar? Mas não, claro que não! Que ideia tão estranha!

Roberto – À nossa idade...

Maria – Por que também?

Carmen – Têm cancro?

Roberto – Mas não, de maneira alguma!

Maria – Quase parece que estás decepcionada.

Luís – Então, o que está a acontecer, querida sogra?

Roberto – Não vamos discutir isso de pé. Sentem-se, vamos tomar o aperitivo.

Maria (*com uma insinuação*) – Sintam-se em casa...

Os quatro sentam-se à volta da mesa baixa, e Roberto serve o aperitivo com as garrafas que estão sobre ela.

Roberto – Vermute para todos, como de costume? Exceto para a mulher grávida, obviamente...

Luís – Vamos...

Roberto ergue o copo e os outros imitam.

Roberto – Pelos vossos amores!

Maria – E pelo nosso neto!

Carmen – Talvez seja uma menina...

Roberto – Não é a nossa primeira opção... Já temos uma menina, mas enfim...

Maria – Se for uma menina, vamos amá-la de qualquer maneira!

Brindam e dão um gole.

Maria – Comam amendoins...

Roberto – Bem, não vos faremos esperar mais.

Vira-se para Maria.

Maria (*para Roberto*) – Vamos, tu...

Roberto – Ah não, a honra é tua! Foi ideia tua desde o início. Embora deva dizer que agora concordo totalmente...

Maria – Bem, aqui vai... Debaixo da árvore de Natal, não há nenhum presente para vocês...

Carmen (*consternada*) – E essa é a surpresa?

Maria – É porque este ano decidimos dar-vos um presente que não cabe numa caixa...

Luís – Uau...

Carmen – Deixa-me adivinhar... Uma tenda? Já que insistiram que o nosso apartamento era muito pequeno.

Roberto – Quase acertaste...

Carmen – Luís, poderás montá-la no Parque Eduardo VII enquanto encontras outro lugar.

Roberto – Vamos, deixa a tua mãe falar, se não, nunca vamos conseguir.

Maria – Isso mesmo... Como sabem, o Roberto vai reformar-se na primavera...

Carmen (*atónita, para Luís*) – Tu sabias?

Luís desconfortável.

Roberto – Faremos do nosso apartamento em Faro a nossa residência principal...

Maria – E decidimos doar-vos esta mansão para que criem juntos os vossos futuros filhos.

Luís e Carmen surpreendidos.

Escuro.

ATO 2

Os mesmos, exatamente onde os deixamos.

Roberto – Parece que não vos faz feliz...

Luís – Ah, sim, sim... Não, não... Quero dizer que... Não estávamos à espera disto de todo... Não é verdade, Carmen?

Carmen – Mas... porquê agora?

Roberto – É Natal!

Maria – Se não fizermos isto agora, nunca o faremos...

Roberto – A Maria tem razão... Não estou a ficar mais jovem, sabem...

Luís – Vamos, ainda estão no auge da vida, os dois.

Maria – Exatamente. Se queremos desfrutar um pouco dos anos dourados que nos restam, é agora! Não é verdade, Roberto?

Roberto – Aos 80 anos... Se é para passear na praia com uma bengala... Mais vale pagar diretamente uma boa residência de idosos medicada.

Maria – Compreendo que estejam um pouco desconcertados por não nos terem por perto em Lisboa, mas...

Roberto – Podem vir visitar-nos quando quiserem!

Maria – E enviar-nos os vossos filhos durante as férias, claro!

Luís – Não... Não sabemos o que dizer... Não é verdade, Carmen?

Carmen – Sim... Pode dizer-se que nos deixam sem palavras...

Maria – É verdade que esta casa se tornou demasiado grande para nós.

Roberto – Nem falar na fatura do aquecimento, se não, não a queiram aceitar.

Maria – Já não temos filhos a cargo...

Carmen – Embora na realidade, nunca tenha sido um fardo pesado para vocês, não é verdade?

Luís – Vamos, Carmen...

Maria – Vocês logo precisarão de mais espaço.

Roberto – E além disso, o centro de Lisboa... Será melhor do que nos subúrbios, não?

Maria – Quando este menino for para a escola...

Roberto (*rindo*) – Se não quiserem que ele aprenda árabe como primeira língua.

Maria – Aqui, só temos alguns sul-americanos.

Roberto – A nossa empregada é Brasileira...

Luís – É verdade que...

Carmen – O quê?

Luís – Nada.

Maria – Honestamente, antes do casamento de Carmen, nunca nos ocorreria deixar-vos esta casa...

Carmen – Obrigada por esclarecer...

Roberto – Tens de admitir que podes ser um pouco distraída às vezes.

Carmen – Sou contadora. Somos conhecidos por isso.

Roberto – Mas com o Luís...

Maria – Sabemos que podemos confiar nele. Não é verdade, meu pequeno Luís?

Luís sorri, muito desconfortável.

Roberto – Bem, então está decidido. Podemos sentar-nos para comer.

Maria – Mas vocês também tinham algo para nos anunciar, não é verdade?

Luís – Eh... Sim...

Maria – Ouvimos-te, meu pequeno Luís...

Luís – Então... Carmen e eu...

Carmen (*interrompendo*) – A estas alturas, pode esperar até à sobremesa, não?

Roberto (*para Maria*) – Aliás, pensaste em tirar o tronco para descongelar?

Maria – De qualquer forma, se querias falar dos teus problemas de habitação, já estão resolvidos.

Roberto – E tenho de pôr esta garrafa de champanhe a arrefecer...

Maria – Com esta casa imensa... Para a encher, teremos de ter pelo menos meia dúzia de netos.

Roberto – Bem, mais vale tratares da tua perna, se não... Sabes o que acontece com a perna? Antes do tempo, não é hora... depois do tempo, já não é hora!

Maria – Lá vou eu...

Roberto – Acompanho-te...

Luís levanta-se também. Carmen, devastada, permanece sentada.

Maria – Fica sentada, Carmen. Lembro-te que estás grávida...

Carmen (*irônica*) – Ah, sim, obrigada por me lembrar... Sou tão distraída, sempre me esqueço disso...

Olhar terno dos pais sobre o ventre da filha.

Roberto – Já encontraram um nome para esse pequenino?

Carmen – Não sabemos se é menina ou menino...

Roberto – Ah, sim, é verdade... Que ideia tão estranha...

Maria – Bem, deixamo-vos falar sobre tudo isso entre vocês. Mas todos os documentos estão ali, na secretária. Só falta assiná-los.

Roberto – Faremos isso na hora da sobremesa.

Maria – E da distribuição de presentes...

Luís – Não tenho certeza se o nosso está à altura...

Carmen (*olhando para a árvore de Natal*) – Merda, o presente...

Roberto – Sabíamos que isso vos afetaria.

Roberto e Maria, sorrindo, saem em direção à cozinha.

Carmen (*depois de um tempo*) – Ah, os desgraçados...

Luís – Desculpa?

Carmen – Ouviste-os? A mim, nunca teriam deixado nada na vida...

Luís – Mas... querem dar-te a casa deles...

Carmen – Eles? Dar-me algo? Até o antigo Seat da minha mãe, há seis meses, ela estava tão orgulhosa por tê-lo vendido por 600 euros! Enquanto eu lutava nos transportes públicos, grávida até aos olhos...

Luís – Não tens carta de condução...

Carmen – Para que hei de tirar se não tenho carro!

Luís – Sim, claro...

Carmen – Nunca me deram nada, digo-te!

Luís – No entanto, pagaram-te a universidade.

Carmen – Estás a brincar! Tive de limpar casas para pagar a minha inscrição na universidade e comprar os meus talões do restaurante universitário! Até tive de adotar o sotaque brasileiro, senão, no bairro, ninguém queria contratar-me em preto.

Luís – Acho que o teu pai teria preferido que estudasses odontologia, como ele...

Carmen – Mesmo assim... Não se corta o sustento à filha só porque ela decidiu ser contadora...

Luís – Claro...

Carmen – Nunca me fizeram um presente, exceto uma camisola tricotada pela minha mãe no Natal. E agora estão dispostos a deixar a própria casa ao meu marido! Um cretino que me engana com tudo o que se move.

Luís – Estás a exagerar...

Carmen (*à beira das lágrimas*) – Não posso acreditar...

Luís – Vamos, não te ponhas assim...

Luís faz um gesto para ela para consolá-la, mas ela o rejeita.

Carmen – Meu pai nunca me teria permitido ver a contabilidade dele, e a ti ele estaria disposto a dar-te o código do cartão de crédito!

Luís – Mas eu não pedi nada...

Carmen – Já te tinham dado as chaves da casa, isso era um sinal...

Luís – Olha, sinto muito. Mas se serve de consolo, não aceitarei esta doação... Quero dizer, nem sequer em nosso nome comum...

Carmen – Não parecia que estavas ansioso por dizer que não, há pouco tempo atrás...

Luís – Eles estavam tão entusiasmados...

Carmen – Sim, claro...

Luís – Bem, de qualquer forma, assim que voltarem, direi toda a verdade a eles...

Carmen – Que verdade?

Luís – Já sabes...

Carmen – Pensei que não querias divorciar-te.

Luís – Não, claro. Mas agora, como fazer de outra maneira? Pareceria que quero ficar contigo só para herdar uma casa no centro de Lisboa... Na verdade, vou dizer-lhes isso agora e vou-me embora. Pelo menos poupo-te a isso.

Carmen – Ah, não, isso não!

Luís – A sério queres testemunhar essa cena dolorosa?

Carmen – Ficas aqui, e não lhes dizes nada.

Luís – Mas pensei que...?

Carmen – Isso foi antes.

Luís – Já não queres divorciar-te?

Carmen – Não antes dos meus pais assinarem esses malditos papéis!

Luís (*atónito*) – Mas...

Carmen – Mas tu percebes? Podem viver até aos cem anos! Se herdar aos 80, o que diabo vou fazer com todo o dinheiro deles? Por isso, não digas nada até depois da sobremesa, entendido? Assinamos os papéis e em dois ou três meses dizemos que nos estamos a divorciar. Quando se mudarem para Faro e eu tiver tomado posse da casa.

Luís – Mas, isto é... Seria imoral!

Carmen – Tu falas-me de moral? (*Um momento*) Deves-me, não é?

Luís – Está bem...

Carmen – E pensa que se me tornar proprietária antes de nos divorciarmos, a tua pensão de alimentos será reduzida em conformidade...

Luís está prestes a responder. É interrompido pelo som do seu telemóvel. Atende mecanicamente.

Luís – Sim... (*Envergonhado*) Não é o momento, desculpa. (*Afasta-se, mas continua a ser perseguido pelo olhar de Carmen.*) Eu sei, mas não vejo como podemos continuar a trabalhar juntos depois deste... lamentável incidente. Não podemos realmente falar de um despedimento... Digamos que é uma transferência, já que ofereci imediatamente um lugar de assistente noutra consultório dentário... Sim, claro, começa na segunda-feira... Está bem... Não... Não quero falar disso agora... Vou desligar, está bem?

Carmen – Então ela também tem o teu número de telemóvel.

Luís – É a minha assistente... Bem, era... Sabes muito bem que, depois do que aconteceu, decidi separar-me dela imediatamente...

Carmen – Separar-te dela?

Luís – Quero dizer... Não a manter no consultório...

Carmen – E arranjaste-lhe outro emprego? Devo admitir que, neste assunto, se me permites dizer, agiste como um cavalheiro...

Luís – Não podia despedi-la assim sem mais nem menos.

Carmen – Sim, claro... Seria difícil invocar uma falta profissional... (*Ironicamente*) Era uma boa trabalhadora, não era? Pelo que pude ver da amplitude das suas habilidades...

Luís – Se não lhe tivesse oferecido um acordo, poderia ter tido problemas com os tribunais laborais.

Carmen – Claro... Afinal de contas, é verdade, não é como se ela te tivesse violado... E em que consultório conseguiste arranjar-lhe outro emprego à altura do talento dela?

Luís – Não vais gostar, mas havia urgência...

Carmen – Diz-me...

Luís – Como eu trato da contabilidade dela, sabia que a assistente do teu pai se ia reformar a 31 de dezembro...

Cara atónita de Carmen. Roberto regressa.

Roberto – E aqui está! O cordeiro está no forno! Vamos começar com as entradas, daqui a meia hora estará pronto. Espero que não esteja demasiado cozido. *(Para Luís)* Disse à tua sogra para baixar a temperatura do forno, mas sabes como são as mulheres... Nunca ouvem o que lhes dizemos... Queres mais Vermute, meu querido genro?

Luís – Não, obrigado, estou bem...

Roberto *(para Carmen)* – A ti, claro, não ofereço nada... *(Para Luís)* Hoje em dia, na faculdade de medicina, ensinam-lhes que a mais pequena gota de álcool pode ser muito prejudicial para o desenvolvimento intelectual do feto, mas no nosso tempo, sabes... *(Para Carmen)* Posso dizer-te que a tua mãe, quando estava grávida de ti, não só tomava gelados... *(Para Luís)* Preferia que tivesse sido dentista, como eu, mas o que se vai fazer... Enfim, contabilista também está bem...

Carmen – Obrigada...

Roberto – A propósito, Carmen, importas-te de apanhar os aperitivos e ajudar a tua mãe na cozinha? Preciso de falar um pouco com o meu genro...

Carmen, indignada, pega em alguns copos e afasta-se para a cozinha, sob o olhar desconfortável de Luís.

Roberto – Diz-me, estou ansioso por ver na segunda-feira como é a nova assistente que me envias. Trinta anos... Vai mudar um pouco. A minha tinha o dobro... Não a poderei aproveitar por muito tempo, mas pronto... Como é essa... Natacha?

Luís – Faz muito bem o trabalho...

Roberto – Fisicamente, quero dizer?

Luís – Ouve... Bastante alta... Bastante loira...

Roberto – Bonita?

Luís – Não está mal...

Roberto – Então, por que raio queres desfazer-te dela?

Luís – Digamos que... o consultório ficava um pouco longe para ela. Vive no centro...

Roberto – Ah, sim, claro... Já agora, vais ver que engraçado, mas poderás revê-la mais cedo do que pensas, essa... Natacha.

Luís – A sério...?

Roberto – É precisamente sobre isso que queria falar contigo. Entre homens!

Luís – Intrigas-me, Roberto...

Roberto – Vês... Como acabámos de te anunciar, na primavera vamos instalar-nos definitivamente em Faro... O que significa, claro está, que me vou reformar do consultório... Estás a perceber?

Luís – Não...

Roberto – Já te vi mais animado, meu pequeno Luís. Ainda bem que não tomaste outro Vermute. Não, quero dizer que vou precisar de um sucessor para a clínica.

Luís – Compreendo...

Roberto – Como sabes, a clínica fica mesmo em frente a esta casa. Isso permite à minha esposa manter um olho em mim pela janela... Para vocês, obviamente, quando viverem aqui, seria mais do que conveniente...

Luís – Claro...

Roberto – E depois, o centro de Lisboa, nesta mansão, não é? Será uma mudança para vocês.

Luís – Claro...

Roberto – Quanto à clínica, neste bairro elegante, é um excelente negócio... Sabes bem, tu fazes a minha contabilidade! Então, já estamos um pouco associados, não é verdade?

Luís – Sim...

Roberto – Bem, ao pedir-te um pouco de ajuda com a minha contabilidade, já tinha uma pequena ideia por trás da cabeça, obviamente...

Luís – Imagino...

Roberto – Então, o que dizes?

Luís – Bem... Não tenho a certeza de ter os meios para me estabelecer por conta própria ainda... Como tu dizes, um consultório como este, no centro de Lisboa, com uma clientela assim... Vale ouro. Não sei se o meu banco aceitaria...

Roberto – Mas quem está a falar de banco, meu pequeno Luís! Não fazes parte da família?

Luís – Sim, mas...

Roberto – Não vais pedir nada a esses vampiros do banco, que para um empréstimo aos vinte anos te sugam até à medula! Não, encontraremos um acordo que nos convém a ambos. Pagar-me-ás uma pequena renda todos os meses, isso dar-me-á um complemento de reforma, e todo o resto será para pagar a conta de aquecimento, a taxa de propriedade e os impostos locais desta imensa mansão que em breve será tua! O que dizes?

Luís – Bem, não sei o que dizer...

Roberto – Então, não digas nada e deixa-te levar... E depois, daqui a três meses, estarás aqui com a pequena Natacha... Confia em mim, vou mantê-la aquecida até lá. Porque hoje em dia, para encontrar pessoal competente, não é verdade?

Luís – Sim... No final, sirvo-me de mais um copo de Vermute.

Luís serve-se de mais um copo de Vermute e bebe-o de um trago.

Roberto – É bom, não é?

Luís – Sim...

Roberto – Foi a minha assistente que mo trouxe da Catalunha... Sabes, Montserrat... Aquela que se reforma... Na verdade, vou sentir a falta dela, a ela e ao seu Vermute... Porque entre nós, Faro no inverno sozinho com a minha mulher a beber chá... Enfim, só se vive uma vez... Então, estás feliz, meu pequeno Luís?

Luís – Se estamos entre homens, Roberto, permite-me fazer-te uma pergunta.

Roberto – Força.

Luís – Vocês formam um casal tão unido, tu e a Maria. Qual é o vosso segredo a ambos?

Roberto – Comove-me que me tenhas perguntado isso, Luís... Estás a começar na vida... Eu também fui jovem, sabes? Não te vou dizer que nunca fiz alguma travessura no meu casamento. Afinal, somos humanos... E com o trabalho que é o nosso... Temos tentações...

Luís – É verdade...

Roberto – Com todas essas mulheres ociosas que vêm se deitar na nossa cadeira com a boca aberta... e que muitas vezes só estão lá para uma boa limpeza dental... Sabes o que quero dizer?

Luís – Sim, claro...

Roberto – Não, meu pequeno Luís. Para que um casal dure, o importante não é ser fiel à tua esposa toda a vida. Ao impossível, ninguém é obrigado. O importante, se a enganas, é que ela nunca saiba...

Luís – Ah...

Roberto – E ainda mais importante, que os vizinhos nunca saibam. É uma questão de respeito, percebes?

Carmen volta para pôr a mesa.

Roberto – Ah, minha querida, estás aqui... Bem, vou ver o que a minha mulher está a fazer na cozinha, porque a este ritmo, não vamos dormir cedo... Deixo-te falar sobre isso com a Carmen? Quero dizer, sobre a minha proposta, certo? Não sobre os meus conselhos matrimoniais...

Carmen – Sobre o que estão a falar exatamente?

Luís (*arrasado*) – Ele quer que eu também assuma a sucessão na clínica dentária...

Carmen – Não...

Luís – Vês, não podemos mais mentir-lhes...

Carmen – Isto é o cúmulo! Tudo para ti, não é verdade?

Luís – Bem... Ele acha que nosso relacionamento está no melhor momento... Veja, não temos outra opção...

Carmen – Ah, não, definitivamente não! Se dissermos a eles que vamos nos divorciar, talvez me deserdem, mas ainda assim te deixarão a clínica odontológica totalmente equipada... Incluindo a assistente sexy!

Luís – Mas, Carmen, eu enganei a filha deles... Seu pai pode entender, de certa forma...

Carmen – Sério?

Luís – Mas não tua mãe!

Carmen – Tu achas?

Luís – Claro! (*Uma pausa*) E estás certa, não poderia funcionar entre nós...

Carmen – Ah, sim? E por que não?

Luís – Estás há três anos em terapia, não me diga que ainda não entendeu...

Carmen – Entendi o quê?

Luís – Seu pai é dentista. Tu te casas com um dentista. Tua mãe controla o dinheiro, tu és contadora. Teu psicanalista nunca falou sobre o complexo de Édipo?

Carmen – Meu psicanalista não é do tipo que fala muito...

Luís – Escute, Carmen, me escolheste para agradar a teus pais. Eu, por minha vez, fiz tudo para agradá-los. E agora me reprovias por ter tomado teu lugar com eles!

Carmen – E tua aventura com Natacha, também foi para agradá-los...?

Luís – Ok, você venceu...

Carmen – Então, é culpa minha?

Luís – Não é culpa de ninguém, Carmen... Mas estou cansado de ser o genro perfeito. Não, eu não sou perfeito. E se queres saber de tudo, seus pais me irritam.

Carmen – Ah, sim? Isso é novidade...

Luís – Não, não é novo! Acha que eu gosto de atravessar Lisboa duas vezes por semana para vir jantar com teus pais? Tudo isso para ouvir te falar mal deles durante uma hora na ida e volta. Duas horas quando há trânsito...

Carmen – Nunca me disseste isso...

Luís – Pois estou te dizendo agora! Teus pais sempre me irritaram, Carmen. Se fiz tudo para agradá-los, foi só para te fazer feliz. Sogra por aqui, sogro por lá. Nunca uma palavra a mais. Mas agora que vou te perder, posso te dizer, Carmen. Não aguento mais teus pais!

Maria volta com um prato nas mãos.

Maria – À mesa, por favor, Luís!

Luís – Vai à merda, Maria!

Maria – Finalmente decides me chamar pelo meu nome, Luisinho!

Luís (*para Carmen*) – Deixo que tu contes a ela. Eu não aguento mais, vou fumar um cigarro.

Maria – Um cigarro, Luís? Mas não fumas!

Luís – Sim, eu fumo, acredite em mim. Às escondidas. Até mesmo drogas às vezes!

Luís sai.

Maria – Mas o que aconteceu, Carmen? O que fizeste para deixá-lo assim?

Carmen – Luís e eu estamos nos divorciando, é isso que está acontecendo!

Maria – Oh, meu Deus! Tu o enganaste? Essa criança não é dele!

Carmen – Ele me enganou!

Maria – Ah, me assustou... Mas, minha querida, os homens são assim... Não são programados para a monogamia, é preciso saber... E além disso, nos dias de hoje...

Carmen – O que acontece nos dias de hoje?

Maria – Está grávida! Quer dizer, não estás mais operacional... Com quem ele te traiu?

Carmen – Com a assistente dele...

Maria – Com a assistente dele? Então não conta, meu bem. Antigamente, os burgueses se deitavam com suas empregadas para relaxar um pouco. Havia quartos no andar de cima para isso. Agora que não é mais permitido transar com as empregadas sem o consentimento delas... eles as chamam de assistentes. Mas é a mesma coisa.

Carmen – Mas é monstruoso! Estás me dizendo que papai também te traiu...?

Maria – Olha, eu escolhi a assistente do seu pai...

Carmen – Montserrat?

Maria – Eu nunca fui muito dada a isso... Bom, pelo menos não com o teu pai, em todo caso... Então, pelo menos, com Montserrat, sabia com quem estava lidando...

Carmen – Ah, entendi... E tu te envolvias com o jardineiro, suponho?

Maria dá um tapa na filha, que fica sem palavras. Roberto volta.

Roberto – Bem, então podemos nos sentar à mesa...

Carmen sai.

Roberto – O quê?

Maria – Luís está fumando!

Roberto também fica sem palavras.

Roberto – Caramba! E eu acabei de propor que ele assumisse meu consultório...

Maria – Tua filha quer se divorciar...

Roberto – Porque ele fuma?

Maria – Porque ele a enganou com a assistente!

Roberto – A Natacha?

Maria – Tu a conheces?

Roberto – Não... Quer dizer, que... Sabes que Montserrat se aposenta no final do ano...

Maria – E daí?

Roberto – Luís me propôs contratar Natacha.

Maria – Como uma segunda opção, por assim dizer...

Roberto – Eu não sabia que era amante dele...

Maria – Então, Montserrat já não é suficiente para ti?

Roberto – Ela está se aposentando!

Maria – Todos vocês são iguais... Escuta bem, Roberto. Eu sabia que tu me enganavas no consultório com Montserrat. Eu a contratei para ter um pouco de paz em casa. Mas que tu me enganes com uma jovem, eu não vou tolerar!

Roberto – Mas, María, o que aconteceu?

Maria – É que estou cansada, sabes? E se eu também pedisse o divórcio?

Roberto (*contrariado*) – Então, terei que procurar outro comprador...

Maria – Para quê?

Roberto – Para a clínica odontológica! Está com cheiro de queimado, não é?

Maria – Oh, meu Deus, esqueci do cordeiro!

Roberto – Com certeza está muito cozido... Como no ano passado...

Escuro.

ACTO 3

Os quatro estão sentados à mesa e terminam de jantar. O clima é sombrio.

Roberto – Conhecem esta anedota? Uma mulher chega correndo ao seu ginecologista: "Desculpe, será que deixei minha calcinha aqui?" Ao que o médico responde: "Não, senhora, desculpe". E a mulher diz: "Ah, então deve ser no consultório do meu dentista...".

Ninguém, além dele, ri, obviamente.

Maria – O que acharam do cordeiro?

Roberto – Talvez um pouco cozido demais, não?

Luís – "Carbonizado" seria um termo mais adequado. Acho que nesse ponto poderíamos falar de incineração.

Maria – Mais champanhe para terminar a sobremesa?

Luís – Com prazer.

Luís, que parece bastante bêbado, pega a garrafa de champanhe sem permissão e bebe diretamente dela. Eventualmente, arrota.

Maria – Está suficientemente frio?

Luís – Está morno, como sempre.

Roberto – Ah, sim, deveria ter colocado a garrafa na geladeira antes...

Maria (*para Roberto*) – Está vendo? O que eu disse?

Luís – Em vez disso, o tronco de Natal deveria ter tirado do congelador antes.

Maria – É um tronco gelado...

Luís – Ah, sim, mas... Está completamente criogenizado. É perigoso para os dentes.

Roberto – Vão rir, mas no consultório, durante a temporada do bolo-rei, temos muito trabalho...

Luís tira um baseado e acende, sob o olhar atento de Roberto e Maria.

Roberto – Podemos começar com os presentes?

Carmen (*voltando à realidade*) – Os presentes...?

Maria (*olhando para a filha*) – Não sei se...

Roberto – Vamos, Carmen. Não faça a criança. Não está seriamente pensando em se divorciar? Bem, Luís cometeu um pequeno erro, mas isso pode acontecer a qualquer um.

Maria – Tu sabes do que estás falando...

Roberto – De qualquer forma, não se divorcie assim tão fácil, por um simples desvio.

Carmen – Um desvio?

Luís – Estás descarrilhando, meu pobre Roberto...

Maria (*para Carmen*) – Escuta, minha pequena, sinto muito por ter te batido antes. Me deixei levar um pouco, é verdade. Mas admita que me levaste ao limite...

Roberto – É verdade, Carmen, tem que admitir que às vezes exageras.

Carmen – Eu sei, sou um pouco extravagante.

Maria – Ah, pelo menos admities.

Luís – Sabem o que eu realmente queria fazer na vida?

Roberto – O que é, meu querido genro?

Luís – Cantor!

Maria – Cantor? Queres dizer... como Tony Carreira?

Luís (*irônico*) – Não, como Mick Jagger! Sabes? (*Cantando*) "I can get no satisfaction...!"

Os outros três o ouvem, surpresos.

Roberto – Bem, eu, por minha parte, sempre quis tocar bateria.

Maria – Tu? Bateria? Mas por quê?

Roberto – Não sei... Sempre gostei...

Maria – Nunca me disseste isso.

Roberto – O que prova que em um casal nem sempre se diz tudo...

Luís – Tu percebes, Roberto? Poderíamos ter formado uma banda, tu e eu! Poderíamos ter sido estrelas do rock and roll! É em vez disso, somos dentistas. É de se matar, não?

Maria – Bem, então, afinal, poderemos assinar esses papéis...

Roberto – Sim, claro que sim.

Luís – Tanto como assinar nossa sentença de morte.

Roberto se levanta e vai pegar o papel. Quando volta, Luís também se levanta, um pouco cambaleante. Ele pega o papel das mãos de Roberto e o rasga cuidadosamente.

Luís – Não quero esta casa! Cheira a morte!

Roberto – Perdão?

Luís – A tua consulta também, com a tua clientela de velhas burguesas de todos os lados.

Roberto – É verdade que a clientela é um pouco mais velha, mas bem... é melhor para os negócios, já sabes! Próteses, como sempre digo, é onde se faz mais margem.

Luís – O teu consultório também cheira a morte!

Roberto – Não te preocupes, já vais ver, acostuma-se...

Luís (*da risada ao choro*) – A única coisa que queria de vocês era a vossa filha! Se ela me deixar, perco a coisa mais valiosa que tenho no mundo. (*Carmen parece comovida com esta declaração.*) Perdoa-me, meu amor. Mas se te enganei, foi porque senti que já me tinhas deixado... por esses dois velhos idiotas.

Maria – Querias o deixar?

Roberto – Acho que é uma metáfora...

Luís – Acredita, Carmen, o pior que nos pode acontecer é tornarmo-nos como eles.

Maria – Bebeste um pouco, não?

Roberto – Bem, de vez em quando.

Maria – Não é Natal todos os dias...

Luís – Sabes o quê? Na verdade, não conheci os meus pais. Sempre pensei que era uma tragédia. Mas desde que estou contigo, descobri o que realmente é a vida familiar, e começo a perguntar-me se não tive sorte afinal... (*Silêncio sepulcral*) Aqui estão as chaves da vossa casa... Devolvo-vos...

Carmen – Vou contigo, querido...

Luís deixa as chaves sobre a mesa e sai com uma marcha incerta. Carmen enfrenta os pais.

Carmen – Sempre fiz o possível para que se orgulhassem de mim.

Roberto – Eu sei.

Carmen – Então, porquê? Por que nunca me trataram como adulto?

Maria – Talvez tivéssemos medo de envelhecer...

Carmen (*para o pai*) – Sabes o que mais me dói hoje em dia? Não é saber que não te orgulhas de mim. É a certeza de que nunca mais me orgulharei de ti.

Roberto – Deve ser isso, tornar-se adulto...

Carmen sai. Roberto e Maria ficam sozinhos. O relógio ou o cuco soam onze.

Roberto – Onze da noite. Não demos conta do tempo que passou...

Maria – Queres a tua infusão?

Roberto – Noite tranquila... Só o nome já me incomoda.

O olhar de Maria fixa-se nos presentes embaixo da árvore de Natal.

Maria – Com tudo isto, nem sequer abrimos os nossos presentes.

Aproximam-se da árvore e olham para os dois pacotes.

Maria (*lendo*) – Para Roberto... Deve ser para ti...

Cada um pega o seu presente e começa a desembulhá-lo.

Roberto – Um par de pantufas! Como o ano passado...

Maria – Ah, sim! Parecem bem quentinhas...

Roberto – E tu?

Maria abre o seu presente e tira algo que se assemelha muito a um brinquedo sexual.

Maria – O que é isto?

Pressiona um botão e o dispositivo começa a vibrar.

Roberto – Uma escova de dentes elétrica, suponho...

Maria – Mas, onde está a escova?

Roberto não tem tempo de responder. Luís retorna cambaleando com Carmen, que segura a barriga. Roberto e Maria ficam surpreendidos.

Luís – Façam algo, rápido! Com todas estas emoções, rebentou águas! E devo admitir que não estou em condições de conduzir...

Luís desaba no chão, enquanto Carmen desaba no sofá.

Carmen – Apressem-se, estou quase...

Roberto – Acho que seria melhor chamar uma ambulância...

Maria corre para o seu telefone.

Maria – Oh, meu Deus! O que lhes digo?

Roberto – Parto prematuro e coma etílico. Vão-nos fazer uma tarifa de grupo...

Escuro.

Epílogo

Carmen chega a casa com sacolas de compras. Ela se vira para a pessoa que a segue e ainda não está visível.

Carmen – Vais trocar a fralda ao Roberto? Parece-me que está a cheirar...

Luís chega em seguida com um bebé num berço que obviamente não será visível.

Luís – Ainda soa estranho este nome... Achas mesmo que foi uma boa ideia chamá-lo assim?

Carmen – Roberto? Certamente voltará a estar na moda...

Luís – Sim... Talvez em duzentos anos...

Carmen – Devíamos-lhes isso... No final, herdámos a casa e o consultório...

Luís – Sim...

Carmen – Que ideia afinal pegar um voo low-cost para uma viagem de Lisboa para Faro.

Luís – O comboio também é rápido... e é muito mais seguro.

Carmen – Sabiam que essa companhia low-cost tinha uma reputação muito má.

Luís olha em volta para o quarto.

Luís – É estranho saber que agora é a nossa casa.

Carmen – Sim...

Luís – Achas mesmo que foi uma boa ideia mudarmo-nos para cá?

Carmen – Fica mesmo em frente à clínica dentária...

Luís – Sim...

Carmen – E acho que teria doído saber que vendemos a casa deles.

Luís – Não é fácil livrar-se da herança familiar...

Carmen – Sempre podemos pintar de novo. Conheces um bom pintor?

Luís – Estava a pensar em algo mais radical.

Carmen – Um exorcista?

Beijam-se, mas o abraço é interrompido pela campainha da porta. Luís vai abrir.

Luís – Sogra linda. Pensávamos que não a veríamos de novo!

Roberto e Maria chegam, seguidos por Luís.

Maria – Bem, não, meu pequeno Luís. Não se livrarão de nós tão facilmente!

Roberto – Olá, olá...

Carmen – Então, o vosso caixão voador finalmente levantou voo?

Maria beija Carmen.

Roberto – Como está o Roberto Júnior?

Carmen – Muito bem, muito bem... E vocês, como estão?

Maria – O avião teve um pequeno atraso, mas bem... Apanhámos um táxi.

Roberto – Caso contrário, mal teríamos tido tempo de vos visitar...

Luís – De qualquer forma, parecem radiantes! A reforma fica-vos bem! Não é verdade, Carmen? Parecem um casal de recém-casados!

Roberto e Maria parecem um pouco desconfortáveis.

Luís – Faz bom tempo em Faro?

Roberto e Maria respondem ao mesmo tempo.

Roberto – Esplêndido...

Maria – Está a chover...

Roberto – Digamos... um clima tempestuoso com algumas abertas de vez em quando.

Carmen – Está tudo bem por aí?

Luís – Não estão a ficar muito entediados?

Maria – Desde que estamos reformados, estamos tão ocupados, cada um para o seu lado... Nem temos tempo para discutir...

Roberto – Encontrei a Natacha saindo do consultório. Então, finalmente a contrataram?

Carmen – É temporária...

Silêncio desconfortável. Maria inclina-se para o berço.

Maria – É incrível como se parece com o avô, não?

Carmen – A essa idade, ainda está um pouco enrugado...

Maria – Quanto pesa?

Carmen – Cerca de quatro quilos.

Maria (*acariciando o bebé*) – Parece um leitão, não?

Luís – Claro que ficam para jantar connosco...

Carmen – Preparámos o quarto de hóspedes para vocês.

Roberto – Lamento... Apanhamos o avião daqui a três horas. Apenas estamos em trânsito!

Luís – Estes reformados jovens... Sempre de férias, não é verdade?

Carmen (*para Luís*) – Falando em trânsito, realmente tens que mudar a fralda dele...

Maria – Espera, eu faço. Tenho que reaprender...

Luís – Para o Roberto sénior daqui a alguns anos?

Carmen – Senta-te, mãe, por favor...

Luís – Tu também, Roberto... (*Falando das sacolas de compras*) Vou deixar isto na cozinha e ofereço-lhes algo para beber. Têm pelo menos cinco minutos.

Luís sai seguido por Carmen com o berço.

Roberto e Maria olham ao redor com nostalgia.

Roberto – É estranho nos encontrarmos aqui, não é?

Maria – Sim...

Roberto – Arrependes-te?

Maria – Não. E tu?

Roberto – Eu também não...

Um momento de silêncio.

Maria – Tens os papéis?

Roberto – Sim, sim... Só precisamos assiná-los...

Maria – Teremos que contar-lhes um dia.

Roberto – Vai ser um grande golpe para eles.

Silêncio desconfortável.

Maria – Como está a Montserrat?

Roberto – Está bem.

Maria – E a Catalunha, como é?

Roberto – Parece a Portugal. Exceto pela língua...

Maria – E também tens uma intérprete.

Roberto – Sim... (*Um momento*) Toco numa orquestra...

Maria – Tu numa orquestra?

Roberto – Um pequeno grupo folclórico. Toco o tambor. Não é muito complicado.

Maria – Ah, sim, está bem...

Roberto – Deverias vir ver-nos.

Maria – Por que não?

Roberto – E tu?

Maria – Conheci alguém.

Roberto – Gosta de pão com nozes?

Maria – E de infusão.

Roberto – Noite tranquila...

Novo silêncio.

Maria – Não sei como lhes vamos contar isto.

Roberto – Sim... Vai ser um grande golpe para eles.

Preto.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Batas brancas e humor negro
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Retrato de família
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-075-9

Documento para download gratuito